



UnB

Universidade de Brasília
FAC/Faculdade de Comunicação

**PIRACAIA: Podcast sobre preservação
ambiental em Alter do Chão (PA)**

Kellen Barreto

Brasília
2021



UnB

Universidade de Brasília
FAC/Faculdade de Comunicação

PIRACAIA: Podcast sobre preservação ambiental em Alter do Chão (PA)

Kellen Barreto

Memorial descritivo do projeto de conclusão de curso, encaminhado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília como condição para obtenção do bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Célia Matsunaga

Brasília

2021

Kellen Barreto Gonçalves

**PIRACAIA: Podcast sobre a preservação ambiental de
Alter do Chão (PA)**

Este projeto de conclusão de curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo. Declaro que a aluna foi aprovada no programa de Jornalismo da FAC/Faculdade de Comunicação Social da Universidade de Brasília.

Brasília, 27 de maio de 2021.

Orientador: Prof. Célia Matsunaga

Banca examinadora

Membro: Prof. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho

Membro: Prof. Sérgio Ribeiro de Aguiar Santos

Suplente: Ana Carolina Kalume Maranhão

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Lusvagna Barreto e José Carlos de Moura. Sair de Anápolis (GO) e morar em Brasília (DF) só foi possível graças a eles. São os meus exemplos de coragem, trabalho e persistência. Nesses anos sempre me ajudaram e acreditaram na minha capacidade em momentos em que nem eu mesma acreditava. Mesmo com o coração apertado, muitas vezes com os olhos cheios de lágrimas por ter a filha longe, nunca me impediram de voar. Apostaram no meu sonho, mesmo sem ter a certeza de que seria possível.

As minhas irmãs, Monielly Barreto, Hellen Rayane Barreto e Amanda Barreto. Elas são a minha saudade. Vibraram comigo a cada etapa, cada estágio conquistado, cada trabalho entregue. Com elas eu compartilho as melhores memórias. Se a minha vida é colorida e cheia de amor, grande parte é por tê-las na caminhada.

A toda minha família: padrinhos, tios, primos, e avós que torcem e vibram por mim. Aos meus avôs, João Barreto e Adebardo de Moura, que já partiram dessa vida, mas que também ficariam felizes com esta etapa concluída. Os dois homens simples, sertanejos do campo, agora têm uma geração de netos com diploma. No íntimo do coração, também compartilho com eles essa vitória.

Aos meus amigos de infância que são a velha guarda. Daniella Pereira, Sarah Galdino, Iago Henrique e Thaís Lopes. Eles também torceram, comemoraram, foram aconchego em momentos de desafio e continuam despertando o melhor de mim.

Aos amigos da Universidade de Brasília. Eles fizeram parte dessa trajetória marcante e inesquecível que foi a aventura da vida universitária. Agradeço em especial ao Raphael Steigleder, Thaís Umbelino, Ana Paula Castro e Larissa Galli. Eles foram a rede de apoio e suporte necessário para este projeto acontecer.

Aos professores da UnB, em especial aos professores da Faculdade de Comunicação. A Fac sempre foi o cantinho acolhedor da universidade, onde me senti em casa. A UnB me abriu as portas para o mundo, por meio dela pude conhecer outros lugares e culturas. Sempre saía da Fac com a sensação de que os sonhos são possíveis, e que apesar do mundo ser grande, é possível conquistá-lo. Um obrigada em especial às professoras Dione Oliveira e Célia Matsunaga, por todo o acolhimento nesses anos.

A todos os funcionários da faculdade de comunicação que sempre foram mais

do que um apoio. Junto com o corpo docente estavam sempre prontos a ensinar e amparar. Seja na secretaria, na portaria, na técnica: eles estavam sempre a postos, prontos para fazer a Universidade acontecer.

Aos chefes dos estágios que conquistei, muitos me estenderam à mão e também me ensinaram. Profissionais da UnBTV; TV Câmara, Rádio e Agência Câmara, SBT e TV Globo. Por onde passei, tive a sorte de aprender com profissionais generosos que se tornaram amigos que ainda hoje estão comigo.

Agradeço também a todos os entrevistados, fontes e personagens. Ainda dou os primeiros passos no Jornalismo e tenho a honra de guardar na memória as pessoas que compartilharam histórias e informações. Em especial as pessoas que estão no podcast, pelo tempo oferecido e pelas experiências compartilhadas. Esse trabalho é também para eles.

A minha psicóloga Cibelle Miranda, que foi um apoio essencial na reta final. Me fez acreditar que tudo isso seria possível e não me deixou titubear.

Por fim, agradeço a Deus por ter permitido minha vinda para Brasília. Por ter vivido tudo o que vivi nesta caminhada e por ter possibilitado encontros com pessoas de bom coração. Ele é quem me protege, me ajuda a ter persistência e abre as portas para seguir até onde almejo.

O sonho de estudar na Universidade de Darcy Ribeiro foi muito melhor do que eu imaginava. A Kellen de 10 anos atrás não acreditaria em tudo o que viveu até aqui. Já valeu a pena, cada partida da casa dos meus pais, cada saudade e todos os perrengues de uma jovem universitária. Seguimos! A estrada está apenas no começo e tem muito chão pela frente.

RESUMO

Cada vez mais a degradação ambiental aumenta no Brasil. A Amazônia com sua potencialidade de alcançar o mundo é diretamente afetada. Alter do Chão, no Pará, é um pedaço da Amazônia que está ameaçado por ações que agredem o meio ambiente e junto povos tradicionais e culturas. Tendo isso em vista, o trabalho tem como objetivo realizar o podcast Piracaia, o qual expõe questões relevantes que atingem Alter do Chão (PA) e seu povo. O podcast tem o intuito de promover o diálogo a respeito de Alter do Chão (PA) e a Amazônia, a partir da voz de quem vive e estuda a região.

Palavras - chave: Amazônia, Alter do Chão (PA), Preservação ambiental, Podcast

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 PROBLEMA.....	11
3 OBJETIVOS	12
3.1 OBJETIVO GERAL	12
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
4.1 PRIMEIRA FASE: DIAGNÓSTICO (ENTENDER O CONCEITO)	13
4.2 SEGUNDA FASE: ENTREVISTAS	13
4.3 TERCEIRA FASE: ANÁLISE E PRODUÇÃO DO PODCAST	14
5 DESENVOLVIMENTO.....	15
5.1 CONCEITO	15
5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO	16
5.3 POR QUE REALIZAR UM PODCAST	19
6. REFERENCIAL TEORICO	19
6.1 AMAZÔNIA	19
6.2 A CONVERGÊNCIA MÍDIÁTICA	21
6.2.1 O TERMO PODCAST	23
7 DESENVOLVIMENTO DO PODCAST	25
7.1 PRODUÇÃO	25
7.1.1 A ESCOLHA DO NOME	29
7.1.2 GRAVAÇÃO	30
7.1.3 PÓS PRODUÇÃO	33
7.1.3.1 IDENTIDADE VISUAL	33
7.1.3.2 EDIÇÃO E PUBLICAÇÃO.....	39
7.1.3.3 INSTAGRAM	39
7.1.3.4 RELAÇÃO DE GASTOS.....	40
7.1.3.5 FUTURO DO PODCAST	40
8 CONSIDERAÇÃO FINA	41
9 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	42

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Alter do Chão.....	34
Figura 2 – Piracaia.....	35
Figura 3 – Tapiri: Casa do Caboclo Amazônico.....	35
Figura 4 – Rio Tapajós	36
Figura 5 e 6 – Floresta Nacional do Tapajós	36
Figura 7 – Rio Tapajós	38
Figura 8 -Primeria criação	38
Figura 9 Segunda Criação	39

1 INTRODUÇÃO

Piracaia é um podcast de cinco episódios, ideia que surgiu em 2017 depois de uma viagem a Alter do Chão (PA) como bolsista do Programa de Iniciação Científica PIBIC/UnB em parceria com a Defensoria Pública. Mais tarde, com o noticiário das queimadas em Alter do Chão (PA) em 2019, o desejo acendeu novamente. O Piracaia foi pensado, produzido e escrito como trabalho de conclusão de curso, mas isso só foi possível graças ao olhar delicado e o coração sensível de muita gente, como professores que estudam a Amazônia, nativos da região e amigos da Comunicação Social.

O objetivo foi trazer em episódios assuntos que se relacionam com a preservação ambiental de Alter do Chão (PA). A cidade, muito conhecida como o Caribe Brasileiro, é representativa para a preservação da Amazônia e também para a cultura paraense – que é cheia de brasilidade. Muitas vezes povos e culturas que vivem na Amazônia são esquecidos e a falta de voz contribui para representações caricatas e injustas. Com Alter do Chão (PA), a situação não é diferente.

O intuito é mostrar que em Alter do Chão (PA) mora um povo que luta todos os dias para vencer os preconceitos e para preservar a floresta e a identidade. A intenção também é mostrar que as pessoas que vivem lá são mais do que um povo amazônico, que mora “na floresta”. Podemos aproximar os mundos, ouvir, refletir e aprender como a destruição ambiental é mais do que derrubar árvores e construir indústrias em prol do chamado “progresso”.

A proposta do trabalho é, numa escuta ativa, ouvir sobre as percepções e experiências de quem mora na região de Alter do Chão. E além de moradores, ouvir pessoas que tem na cidade suas raízes e essências. Buscamos sair das narrativas estereotipadas frutos da colonização. Para entender a Amazônia e Alter do Chão hoje, é preciso olhar para o passado, reconhecer o modelo colonial, as heranças deixadas e estar aberto para a reflexão. Como diz Márcio Souza em *Amazônia Indígena* (2005):

A Amazônia começou a morrer pelos erros da nossa civilização(...) movidos pelas necessidades econômicas da empresa colonial, instigados pela ideologia com a contrarreforma, os portugueses nos ensinaram a ver naquilo que há de mais originário, um inimigo desprezível. Sistemáticamente banida da nossa investigação artística, a cultura mais autêntica e viva da região recolheu-se para os arquivos etnográficos. O que era para ser esteio, viga mestra e estrada luminosa tornou-se curiosidade e folclore para especialistas. (SOUZA, 2005, p.83)

Em 2018 o fogo atingiu Alter do Chão (PA). O incêndio tomou conta da região e também dos noticiários nacionais e internacionais. A destruição ambiental que ameaça a Amazônia foi largamente divulgada no Brasil e no mundo e a cidade paraense ficou em evidência. Cerca de 650 mil m² de área da região foi devastada pelo fogo. Mesmo Alter do Chão (PA) sendo uma área de preservação ambiental, o território não está protegido. Além do fogo, a especulação imobiliária, a grilagem, o avanço da soja e a extração ilegal de madeira também circundam a região.

2 PROBLEMA DE PESQUISA

Diante da destruição ambiental que presenciamos no país na atualidade, especialmente na Amazônia, buscar entender suas causas e consequências é fundamental. Um projeto que visa dar voz a atores que vivem a realidade amazônica por meio do podcast parece ser uma das formas corretas de fazer jornalismo. Assim, me vejo diante de uma importante questão: em que medida a destruição ambiental impacta os povos que vivem na floresta, seu modo de vida? O jornalismo pode ser uma ponte de diálogos frente a questões de ordem ambiental e social? Foi pensando na dimensão dessa destruição e no papel do jornalismo atual que dei início a este trabalho de conclusão de curso.

3 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Por meio de uma plataforma na internet, busca-se entender o papel do jornalismo na criação de podcasts como facilitador da comunicação na atualidade. Para isso, o objetivo geral deste projeto foi desenvolver um meio de comunicação que atue como facilitador do diálogo entre povos da Amazônia e os usuários que ouvem podcasts, interessados na preservação ambiental e impactos provocados pela destruição do meio ambiente.

3.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para cumprir com o objetivo mencionado acima foi necessário:

- Pesquisar a respeito da Amazônia e de Alter do Chão
- Pesquisar sobre podcast
- Realizar entrevistas com pessoas da região e pesquisadores
- Planejar a divulgação e publicação
- Realizar o podcast e disponibilizar na internet

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Primeira fase: Diagnóstico (entender o contexto)

Ao ver tantos episódios no noticiário como queimadas e extração ilegal de madeira, num primeiro momento foi imprescindível entender o contexto de Alter do Chão (PA). Entretanto, por fazer parte da Amazônia Brasileira, o espaço amostral para ter essa compreensão se expandiu para toda a Amazônia.

Para Sayago, Tourrand e Bursztyn (2004), da colonização até os dias atuais, a Amazônia é sujeita a extração sistemática de riquezas. De lá para cá, o modo de operação e produção passou por diferentes etapas, mas a exploração das riquezas naturais e do povo nativo é uma característica que está presente em todos esses anos.

Concomitante a esse processo, entender o funcionamento do podcast na rede foi fundamental. Entender o funcionamento do feed, a relação dos consumidores da mídia com o produto e como o produto interage com outras plataformas na internet foi parte importante deste trabalho. A liberdade para construção do produto, que não tem um formato padrão estabelecido, é uma característica que abre margem para individualidade e aumenta as possibilidades de criação. “Não há padrão de locução, nem etiquetas a serem seguidas em termos de linguagem ou temas abordados” (HERSCHMANN e KISCHINHEVSKY, 2007, p. 9).

Entender o que acontece em Alter do Chão (PA) e na Amazônia nos dias atuais e perceber que de acordo com os cenários que o podcast oferece seria viável a construção da mídia foi o ponto de partida.

4.2 Segunda fase: Entrevistas

A partir de leituras de reportagens e pesquisas e de palestras que participei no Neaz no começo de 2020, definimos cada tema para ser discutido nos episódios do podcast. Cada episódio já foi idealizado com o perfil de entrevistados. A partir desse ponto, começou a definição de nomes e um trabalho de produção para localizar, conversar, entender mais sobre o assunto e agendar as entrevistas.

Para realizar esses processos à distância, ficou definido que o programa utilizado seria o aplicativo Zoom. O programa havia sido pensado desde que ficou decidido fazer o produto à distância. Durante a pandemia, acompanhei diversas gravações de podcasts que estavam sendo realizadas à distância com transmissão

para os ouvintes, entre eles o *Projeto Piloto* e o *Escutam Maria Clara*. Ambos estavam sendo feitos por meio do Zoom.

Realizamos alguns testes antes das entrevistas. Os testes foram feitos em dois passos. O primeiro, para definir as melhores configurações do programa para viabilizar a gravação e também para garantir um backup do áudio. Cada um em casa, à distância, Raphael Steigleder e eu nos conectamos para melhor configurar o Zoom. Feito isso, simulamos uma gravação com Thaís Umbelino, que também estava em casa. Após essa verificação e constatação que o Zoom funcionaria para o podcast, as entrevistas foram, de fato, marcadas.

4.3 Terceira fase: Análise e produção do podcast

Nesta etapa comecei a elaborar roteiros de entrevistas e a escrever os scripts dos episódios. Após todos escritos, foi feita uma edição de texto com a Thaís Umbelino, também formada em Jornalismo pela UnB. Concomitante a este momento, a produção também buscava localizar alguns entrevistados. Outros já estavam em contato desde o começo.

Após este momento, montamos uma agenda de gravação que atendesse a todos os entrevistados e também ao calendário proposto para entrega do produto. Foi o momento clímax da produção, considerando as dificuldades de conexão de alguns e agenda lotada de outros.

A pós-produção começou após a primeira gravação e, por um período, funcionou junto com as gravações. Cada episódio gravado era decupado e, a partir disso, o guia de edição era construído de acordo com o roteiro escrito. Assim, o esqueleto começava a ser montado na edição.

Após as gravações, elaboramos uma maneira de gravar os offs, já que não tínhamos equipamentos e estávamos sem o laboratório e o apoio técnico da Fac em razão da pandemia. Construímos um gabinete de gravação improvisado dentro do guarda-roupas, onde todos os off foram gravados.

Gravações feitas e off gravados, passamos para a etapa de finalização da edição e maneiras de publicar o produto. Por entender que podcast é uma mídia colaborativa, com ouvintes ativos, desterritorializada na rede, ficou decidido também a criação de uma página em alguma rede social. A escolha pelo Instagram se deve ao fato de eu já ser uma usuária da rede e também, enquanto consumidora de podcast, acompanhar nesta rede social outros podcasts. Diferente de outros formatos de

comunicação, o podcast se diferencia por ser pós-massiva e priorizar a interação com as mídias digitais, como explica Lemes (2007):

A paisagem comunicacional contemporânea é formada hoje por processos massivos, com o fluxo informacional centralizado, e pós-massivos, customizados, onde qualquer um pode produzir, processar, armazenar e circular informação sobre vários formatos e modulações. (LEMES, 2007, p. 11)

5 DESENVOLVIMENTO

5.1 CONCEITO

A série de podcast Piracaia pretende apresentar o contexto ambiental de Alter do Chão que influencia o cenário social e cultural do local a partir do olhar de quem mora na região. A intenção é criar um diálogo e apresentar caminhos para possíveis soluções, de maneira construtiva, a partir de observações de pesquisadores e das experiências de pessoas afetadas. Consideramos que personagens e fontes também são sujeitos da notícia e podem narrar vivências particulares, como protagonistas da compreensão dos acontecimentos. (SILVA, 2010)

“O Jornalismo permite ao ser humano que lê reconhecer-se na história narrada pela perspectiva de outros seres humanos, não só reafirma o caráter de construtor de conhecimento da realidade social, como reafirma o papel do Jornalismo na sociedade contemporânea de estabelecer relações entre os seres vivos” (SILVA, 2010, p.13)

Durante a produção do podcast observou-se que, ao contrário do que é pressuposto, as comunidades dos lugares mais remotos sabem o que está acontecendo no Brasil e principalmente em seus territórios. Conhecem os riscos que colocam em xeque a própria existência e toda a natureza que os cercam. Se povos tradicionais e caboclos amazônicos continuam com suas crenças e costumes vivos, é por terem aprendido há muitos anos o significado da resistência. É grande a sensação de que no decorrer dos anos, mudou o nome do português, mudou o espelho trocado, mas o processo de colonização ainda acontece. E como no passado, ainda de forma violenta.

A colonização tirou de povos originários mais do que o direito à terra e aos recursos naturais, como explica Jaciara Borari no quarto episódio do podcast, foi retirado também o direito de falar a língua materna e viver os costumes. Viver e lutar pela preservação ambiental e pelo território em que vivem é um ato de resistência que

já atravessa séculos. Em Alter do Chão (PA) ainda vive heranças coloniais e uma brasilidade que só é possível pela perseverança de nativos.

“Foi um ato para barbarizar o subalterno, e ainda o expropriar de sua condição de sujeito, escravizar seu corpo e mente, aludir uma consciência de ser humano inferior. Por tanto, não há como medir um distanciamento entre civilização e barbárie, mas é preciso revisitar a história quando a própria civilização tende a revogar conscientemente o estatuto humano instituindo uma ideia universal, opressiva e dissonante da civilidade. (CÉSAIRE, 1978, p. 20)

Esse trabalho utiliza da fusão de tecnologias digitais para a criação de um produto sobre os desafios das preservação ambiental em Alter do Chão (PA), desenvolvimento sustentável e sobrevivência de povos que fazem parte da Amazônia paraense. Foi em torno desses tópicos que esta série de podcast buscou ganhar forma e foco.

A internet quebrou a soberania dos meios de massa. Não é mais preciso esperar um determinado horário para ter acesso às informações e notícias. Na contemporaneidade, o ouvinte – no caso da mídia radiofônica –, pode acessar o assunto que lhe interessa e o horário que escolhe. O Jornalismo online trabalha com as muitas opções de plataformas e criações (Rabaça & Barbosa, 2001). É uma nova maneira de fazer Jornalismo, que rompe com a temporalidade.

Com a tecnologia do feed e o arquivo de mídia disponível, o podcast é de fácil acesso (Vanassi, 2007). Além de facilidade de acesso para o ouvinte, é uma mídia de produção simplificada, já que não existe preocupação com a imagem e o custo financeiro é menor do que narrativas audiovisuais. O investimento no produto é uma escolha do chamado *podcaster*, mas não é uma exigência da mídia (Franco, 2009).

5.2 CONTEXTUALIZAÇÃO

Alter do Chão é um pequeno distrito de Santarém, no oeste do Pará. Banhada pelo rio Tapajós, a região era composta por diversas etnias indígenas (Santos, 1999). Durante os anos da chegada dos portugueses, a etnia presente eram os Boraris. Estima-se que os primeiros contatos entre os indígenas Boraris e os portugueses ocorreram por volta de 1542. (Fonseca, 1996)

Segundo Fonseca (1996), o próximo contato entre brancos e índios da região tem registro de 1926. Os registros desta data contam sobre as expedições com missões para comprar indígenas, prisioneiros de guerra de outros grupos indígenas para

escravizá-los e drogas do sertão. (Fonseca, 1996)

No tempo dos Jesuítas a região era chamada de Missão da Nossa Senhora da Purificação. Em 1758, o governador da província do Grão-Pará, obedecendo às ordens de Marquês de Pombal, nomeou a região de Alter do Chão – nome de cidade portuguesa. O nome era uma maneira de prestigiar a família real e marcar o local como extensão de Portugal. (Fonseca, 1996)

Lugar de resistência desde os primórdios, Alter do Chão (PA) foi palco da Cabanagem, que levou à morte grande parte da população, ficando na vila apenas crianças, mulheres, idosos e poucos homens, como explica Canto (2014).

No processo de catequização, no final do século XIX construíram a igreja Nossa Senhora da Saúde, que ainda é a igreja da vila e reconhecida como patrimônio histórico de Santarém. O catolicismo passou a fazer parte das manifestações culturais e o sincretismo religioso, ato de resistência para manter vivo as crenças dos povos originários, ainda é percebido na festa do Sairé, evento religioso que une o sagrado e o profano através de celebrações, festas e danças.

Alter do Chão foi registrado como distrito de Santarém em 1948. O território compreende uma superfície de 1706 km². Alter do Chão situa-se à margem direita do Rio Tapajós. A distância entre a Vila e Santarém (PA) é de cerca de 30km. A região também é conhecida como “Caribe Brasileiro”; o clima é quente e úmido, como em toda a região Amazônica.

As belezas naturais e culturais são os grandes atrativos de Alter do Chão. A vila é rica na gastronomia, com comidas típicas feitas de frutos locais. Tapioca, açaí e mandioca são exemplos de comidas prestigiadas na região. Além disso, também é rica nos costumes indígenas, ribeirinhos e caboclos amazônicos.

Alter do Chão (PA) resistiu a era da colonização dos europeus e segue na resistência nos dias atuais com as investidas da globalização e do capitalismo que surfa na herança de ancestrais, expulsa os nativos do centro da vila e acredita que o progresso só é alcançado por meio de indústrias.

A cidade é um território dentro da Amazônia que retrata o que todo o bioma enfrenta. A Amazônia desde a colonização é um território de perdas e danos que contrastam com a riqueza e beleza naturais. Durante toda a história do país, muitos mitos foram desenvolvidos em torno da floresta Amazônica. Equívocos como a homogenia em toda a floresta, o imaginário da natureza, sempre voltado para o

primitivismo, e também a ideia de fonte inesgotável de recursos. (LOUREIRO, 2002)

O modelo econômico que se impõe sobre a região tem ignorado a diversidade da floresta e dos povos que habitam. Com frequência, a preservação da biodiversidade é vista como um empecilho do ponto de vista econômico.

“A moderna sociedade industrial opera a partir de uma produção em escala que não se coaduna com a fantástica biodiversidade da natureza da Amazônia. Assim, estabeleceu-se um danoso e equivocado mito da incompatibilidade entre biodiversidade e desenvolvimento.” (LOUREIRO, 2002)

Depois de séculos de exploração, a sensação ainda é de desconhecimento. Ainda não se conhece a Amazônia em sua totalidade, com toda heterogenia natural e populacional. A Amazônia ainda é um lugar estranho para a maioria de nossa população brasileira. Lugar que ainda remete a pura exploração e que durante toda história do país, teve as peculiaridades locais e a identidade cultural esmagada perante discursos de desenvolvimento. A Amazônia Brasileira, ainda hoje, é vítima de dados ambientais e como consequência, social e cultural.

Somente passando a ser sujeito de sua própria história, e não o objeto de uma história definida e escrita pelo estranho à região, é que o homem da Amazônia poderá reencontrar ou recriar sua identidade perdida, usufruir de uma verdadeira liberdade político-cultural e assim traçar seu próprio destino, para viver como ser moderno, integrado à natureza e à sua própria cultura, construindo uma história da Amazônia também, ou principalmente, da sua gente. (LOUREIRO, 2002)

Em Alter do Chão a realidade Amazônica de exploração não foi diferente. A vila é muito procurada por turistas e também é centro de conflitos, interesses e resistência ambiental que interferem na resistência cultural e social.

Ao longo de mais de cinco séculos, as marcas do processo de invasão, apropriação e violência, conhecido na historiografia como colonização, mudaram radicalmente a continuidade das comunidades amazônicas (ANDRADE, 2017).

Apesar de ser uma área de preservação ambiental, a especulação imobiliária, a disputa por terra, a extração ilegal de madeira e as queimadas são problemas que ameaçam a natureza e a biodiversidade do local e interferem na permanência e sobrevivências dos povos tradicionais.

As marcas da colonização estão vivas ainda nos dias de hoje. São marcas históricas, culturais e identitárias. E a defesa da natureza se estabelece como elemento de existência, no passado e hoje. “A lógica de desqualificação das realidades cotidianas e, portanto, as problemáticas ambientais, enquanto resultado da

industrialização e derrubada da floresta” (ANDRADE. 2018, p.5)

5.3 PORQUE REALIZAR UM PODCAST

A ideia inicial era um produto audiovisual, entretanto produtos audiovisuais necessitam de uma maior aporte financeiro e, considerando que o produto se passaria em Alter do Chão, o valor cresceu já na compra de passagens para a equipe que me auxiliaria.

Em razão do recurso financeiro, a opção escolhida foi o podcast. Eu já era uma consumidora assídua da mídia e poderia fazer a viagem sozinha. A ideia primeira era ir até o local, gravar na Vila de Alter e com nas comunidades indígenas e ribeirinhas e realizar todas as etapas de gravação presencialmente. Podcast nunca foi uma mídia distante do meu convívio. Sempre consumi podcasts de diferentes estilos, em diferentes ocasiões. A escolha foi levada pela proximidade com a mídia e pelo orçamento financeiro.

Com a chegada da covid-19, a escolha foi reforçada pela possibilidade de fazer à distância e escolha por podcast ganhou outro peso e significado. O produto seria feito à distância, sem colocar ninguém em risco de se infectar com o novo coronavírus. O produto foi gravado pelo Zoom, com algumas exceções em que os convidados tiveram problema de conexão e nos atemos a ligações e mensagens. Do mesmo modo, as reuniões com a orientadora foram pelo Google Meet e o apoio que tive com a edição que foi pelo Zoom.

6 REFERENCIAL TEÓRICO

6.1. A Amazônia

Desde a chegada dos portugueses no Brasil, a Amazônia é vista como um lugar a ser conquistado e explorado, e o povo nativo é visto como pessoas que precisam evoluir e se adaptar ao progresso. Durante o período colonial, os jesuítas instituíram as missões para catequizar os indígenas, que também visavam a exploração das chamadas “Drogas do Sertão”.

Já na República houve o ciclo da borracha, que renasceu em vários ciclos em diferentes etapas. E no regime militar houve a retomada da ocupação da Amazônia

– um projeto de conquista e exploração da região. A intervenção se deu por meio de abertura de estradas e incentivo de ocupação da Amazônia que resultou na ida de agricultores para a região. O desmatamento foi a primeira tática utilizada, com a realização de cortes e queimadas para definir posse e iniciar atividades agrícolas com conhecimentos de outros lugares, que nem sempre eram os melhores para o solo Amazônico.

Nesta fase, a atividade não se ateve apenas a agricultura, mas também desenvolveu a criação de bovinos. O incentivo para ocupação e desenvolvimento da área resultou em alterações ambientais e conflitos sociais. Afinal, a Amazônia sempre foi povoada por povos nativos e tradicionais.

Fearnside (2007) explica que a abertura de rodovias levou para a região consequências, sem controle, que ainda estão latentes nos dias atuais. “A pavimentação das rodovias trará, além do desmatamento, a grilagem, os problemas sociais e o conflito de terra numa região que ainda não apresenta esse tipo de problema.” (Fearnside, 2007)

Becker (2005) afirma que esses movimentos para conquistar, ocupar e explorar a Amazônia resultaram em áreas cada vez maiores de desmatamento. Além disso, os colonizadores e os projetos de ocupação não respeitam a biodiversidade natural e as diferenças culturais com os povos que habitavam a floresta. Este processo fez aumentar o processo de migração para as cidades e promoveu o aumento das periferias. A Amazônia foi tratada como única e igual, sendo, na verdade, uma região plural e diversa. (Becker, 2005)

A exploração da floresta quase sempre começa com a ocupação de terras públicas, violência contra a comunidade local e ateamento de fogo para marcar a posse e consolidar pastagens e terrenos. O futuro da Amazônia está diretamente ligado ao futuro do planeta, como defende Adeodato:

Chegará um dia em que a região será palco de cenas que hoje, são exclusivas do cinema – cataclismos causados pelas mudanças globais, macacos sem espaço para viver transmitindo epidemias aos homens, trapas norte-americanas desembarcando na foz do rio Amazonas para salvar as últimas áreas de floresta, indispensável para a sobrevivência do planeta? Filme de ficção que se tornará realidade. (ADEODATO, 2006, p. 20-21).

O desmatamento na Amazônia interfere na biodiversidade e também nas relações humanas. É um ciclo que interfere em tudo que diz respeito à vida. Junto com o ideal de desenvolvimento, progresso e ocupação da Amazônia, povos indígenas e nativos são vistos como atrasados, perdidos no tempo e que precisam da civilização. Esta é uma visão preconceituosa que ainda persiste.

Assim, para compreendermos as diferenças e as identidades na Amazônia precisamos levar em conta os espaços produzidos estruturalmente pelo desenvolvimento desigual e combinado do processo de expansão territorial dos atores hegemônicos da economia, da política e da cultura que imprimem uma nova temporalidade e espacialidade após a década 1960 na região, o ritmo da produtividade, o tempo de modernização que incide de forma desigual e diferenciada em densidade e intensidade nos diferentes lugares. Contudo, precisamos igualmente reconhecer outras temporalidades e espacialidades, aquelas dos sujeitos não hegemônicos, ou subalternizados, partir da recriação de singularidades culturais próprias de cada lugar através dos diferentes modos de vida, dos ritmos vividos cotidianamente que implicam em experiências, vivências, identificações com o espaço. (CRUZ, 2008, p. 57)

A Amazônia desde os primórdios tem se consolidado com uma história de intervenção e resistência de povos. A abertura e exploração tem se dado, desde o tempo colonial, por meio da violência contra a natureza e contra a vida humana.

6.2. A convergência midiática

Com a convergência midiática, o som, o texto e a imagem se adaptam para as funcionalidades da internet e assim oferecem um produto novo: a webnotícia, com linguagem própria, com potencialidades de hiperlinks. Nas palavras de João Canavilhas: “No webjornalismo a notícia deve ser encarada como o princípio de algo e não um fim em si própria, deve funcionar apenas como o “tiro de partida” para uma discussão com os leitores” (CANAVILHAS, 2013).

A internet mudou a maneira com que as notícias são produzidas e consumidas, modificou também o modelo de busca e interação das pessoas com o Jornalismo. Depois de Gutenberg, a maior revolução na Comunicação foi a internet. Hoje é impossível discutir informação, comunicação e entretenimento sem mencionar a internet. Nos últimos tempos o mercado da Comunicação também se expandiu para este meio. (CANAVILHAS, 2013)

A internet rompeu com a ideia de que Comunicação é feita apenas pelos veículos tradicionais. A rede também possibilitou novos formatos, dinâmicas e suportes para a atividade. A internet não acabou com os meios tradicionais, mas abriu novos caminhos, tanto para as mídias já existentes como para os novos produtores. A Comunicação e o Jornalismo absorveram a web e a multimídia (PALACIOS, 2004).

A interatividade, a customização de conteúdo, multimídia, hipertextualidade, somados a memória e atualização contínua são características do

Jornalismo na Internet. Em conjunto, elas impulsionam e dão força para notícias e assuntos. “Os avanços nos diferentes novos meios estão dando lugar ao desenvolvimento de novas técnicas narrativas que propõem à audiência uma cobertura informativa mais contextualizada e navegável”. (PAVLIK, 2005, p. 17).

A internet aglutinou diferentes plataformas de mídia. A cultura da convergência fez com que a internet se tornasse o melhor espaço para a junção de mídias. Segundo Briggs e Burke (2007), esse processo pode ser conceituado como “a integração de textos, números, imagens, sons e diversos elementos na mídia”.

Para Henry Jenkins (2009) convergência não diz respeito apenas a questões tecnológicas de integração de mídias, mas também empresarial, profissional, editorial, linguagem e métodos de trabalhos.

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2009)

Herschmann e Kischinhevsky (2007, p. 5) defendem que a Comunicação não se resume aos meios de comunicação tradicionais, mesmo que este tenha um grande poder simbólico. A Comunicação já tem outro espaço, como por exemplo, a internet.

Santos e Saldanha (2020) diz que:

A internet se tornou um instrumento central de informação e, para o jornalista, uma alternativa para publicação e um novo manancial de informações. A quantidade de diários pessoais é seguramente maior do que a de blogs jornalísticos, mas, por outro lado, é difícil encontrar um critério objetivo de separação entre eles: um diário pessoal escrito por alguém no epicentro de um conflito pode trazer informações mais confiáveis do que o jornal impresso que tenha como fonte uma única agência internacional. Dessa maneira, os blogs desestabilizaram algumas certezas da prática jornalística e colocaram em questão algumas ideias consagradas a respeito do interior da profissão, de um lado, e da amplitude dos efeitos do Jornalismo no espaço público, de outro. (SANTOS E SALDANHA, 2010)

O mercado de notícias da internet passou por grandes revoluções nas últimas décadas. As transformações não se restringiram ao mercado, mas na forma de produção das notícias e de conteúdos, modo de apurar, texto, deadlines e distribuição. A era da convergência midiática colocou as notícias e reportagens em total disponibilidade do consumidor, de maneira que as pessoas possam consumir no momento que desejam. As empresas de comunicação adotaram o modelo de convergência para garantir espaço.

A digitalização da mídia e a tecnologia de informação decorrentes da transformação dos meios de comunicação são importantes fatores que contribuem

para a convergência dos meios. Com a convergência midiática, a audiência foi fragmentada e cada vez mais segmentada. Uma solução encontrada pelos meios de comunicação foi a construção de uma narrativa mais transmídia e multimídia. Um caminho encontrado para expandir os modelos de negócio e estar presente em qualquer lugar, qualquer horário, em diferentes formatos e de forma atemporal.

6.2.1. O termo “Podcast”

Considera-se podcast arquivos de áudio em que o principal formato de distribuição é o podcasting. O podcasting é uma maneira de publicação, através do feed RSS (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PODCASTERS, 2019).

Barbosa (2015, p. 4) define podcast como “um programa em áudio cujos episódios são disponibilizados para download ou reprodução com determinada periodicidade, e podem ser escutados em qualquer aparelho, a qualquer momento.”

Diante de uma lógica cultural e informacional em que o consumidor deseje cada vez mais poder ter escolha, essa mídia jovem que é o podcast [...] foi a resposta do áudio e, estimulada por avanços tecnológicos, veio crescendo. Ao proporcionar uma maneira de obter por demanda conteúdos que são aproveitados em momentos em que manter-se olhando para uma tela ou para o papel não é possível ou conveniente. Ao proporcionar uma maneira de obter por demanda o podcast se mostra uma oportunidade de consumo de informação e entretenimento. A diversidade de formatos é enorme e as possibilidades de temas são inúmeras. No gênero discutido, realiza-se um tratamento acessível e, ainda assim, não superficial dos assuntos, que pode ou não ser mais voltado para a diversão. O áudio é íntimo e propício ao foco (BARBOSA, 2015).

Podcast é um sistema de transmissão de arquivos de áudio. Em 2004, a criação do software iPodder permitiu o download por meio do RSS, se tornando também um método de reunir conteúdos (PRATA, 2009). O termo Podcasting se refere à maneira de disseminar o produto, que pode ser pela internet ou por aparelhos que suportam o arquivo. Já o termo podcast é o áudio transmitido (LUIZ E ASSIS, 2010). Segundo Primo (2005), podcast é um novo formato para produção e consumo de informações por vias sonoras.

Uma das características dos podcasts é a liberdade do consumo – eles são de fácil acesso na internet e o ouvinte pode escutar quando desejar e sobre o assunto que interessar. O podcast é um produto resultado da convergência midiática e por completo independente do meio radiofônico. É fruto da fusão entre radiodifusão e o ciberespaço.

Embora tenha surgido no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a grande

revolução ocorreu com o feed RSS, quando foi possível a distribuição na internet e também nos dispositivos portáteis.

Os podcasts podem ser informativos e também de entretenimento. É possível encontrar podcast sobre os mais variados temas e assuntos, além dos conteúdos publicados pela mídia, de modo geral. O podcast também é bastante utilizado como um meio educativo e ferramenta pedagógica. (DEAL, 2007)

O podcast cresceu como um meio acessível tanto para produção, quanto para o consumo. O podcast pode ter como característica também ser um formato com espaço e voz para temas e grupos pouco explorados pela mídia de massa. A nova mídia agrega um público segmentado, mas consegue através da narrativa esclarecer assuntos, fatos e debater conceitos da sociedade.

Por mais que se assemelhe e lembre o rádio, o podcast se diferencia por algumas questões. Na narrativa, a linguagem radiofônica é presente, contudo o conteúdo é diferente por ser produzido sob demanda, característica da produção de conteúdo da internet. O podcast também não tem ligação com o tempo real, como o rádio possui.

O podcast se consolida também, cada vez mais, dentro do universo midiático pela possibilidade de identificação, que resulta em um público fiel. Os chamados podcasters, em muitos casos, desempenham também a função de editor, produtor, apresentador e ainda realizam funções ligadas ao design e a publicidade e propaganda como identidade visual.

Para tratar dos mais diversos temas, que vão desde os jornalísticos até o humor, saúde e ficção, os efeitos sonoros, as trilhas, a voz e até mesmo os silêncios ou determinadas pausas são utilizados como fonte de identidade e proximidade com o ouvinte. O podcast transmite além da história narrada, sensações e sentimentos (CARVALHO, 2014). Os podcast utilizam a trilha sonora para descrever situações e ambientes, mas também para criar memória afetiva com os ouvintes, podendo ser usado também como marcadores do formato adotado pelo podcast.

Mesmo inseridos na cobertura, as narrativas resistem em preservar o lado humano e elaborar novos métodos para atrair público, entre elas a narrativa jornalística. Isso talvez se justifique com a afinidade e empatia das pessoas com histórias reais. Como afirma Pereira Júnior (2005), acabamos por recorrer à vivência de terceiros porque, muitas vezes, é por elas que encontramos justificativas e compreensões acerca não apenas do nosso próprio comportamento, como também o

do mundo.

7 DESENVOLVIMENTO DO PODCAST

Em 2019, ao ver nos noticiários as queimadas em Alter do Chão (PA), comecei a ler sobre as tensões ambientais que aconteciam na região. Identificar o lugar que havia visitado em 2017 em uma parceria com a Defensoria Pública da União me despertou a vontade de construir um produto com vozes de quem vive na região e ouvir pesquisadores que estudam a Amazônia e Alter do Chão (PA) e as pessoas que moram e conhecem os dilemas do local. A ideia era trazer para o podcast mais do que os números e processos judiciais vistos nos noticiários, mas as percepções de quem vive em Alter do Chão (PA).

A partir daí começou uma busca por fontes e leitura de reportagens sobre o assunto. Mensagens foram trocadas com professores que estudam a região sobre as queimadas, sobre a destruição ambiental que avança sobre a cidade, e também com indígenas e pessoas locais que se sentem ameaçados com a degradação ambiental. Nesse momento, tudo que envolvia Amazônia e Alter do Chão (PA) interessava, como documentários, podcasts e até mesmo posts de ativistas nas redes sociais. As redes sociais se tornaram, também, uma ponte para estabelecer contato com o universo amazônico.

Santos e Santos (2013, p. 20) defende que as redes sociais reduzem as fronteiras e são usadas no meio técnico-científico-informacional como mecanismo de luta, poder e diálogo para melhorias. E foi nesse contexto de sociedade em rede que algumas referências para o esse produto foram obtidas.

7.1. Produção

Quando a covid-19 chegou no Brasil em 2020, as passagens aéreas para a gravação do podcast já estavam compradas e a produção sendo finalizada. As entrevistas já estavam marcadas e eu procurava uma pousada para os dias que ficaria na Vila de Alter do Chão. A intenção era ir no dia 9 de abril de 2020, um quinta-feira, e retornar no dia 13 de abril de 2020, segunda-feira.

Nesse período, estava estagiando na TV Globo e entrava no trabalho às 14h. Já tinha combinado com meu chefe e com uma colega de estágio uma troca. Na quinta-

feira, dia 9 de abril, trabalharia pela manhã, na sexta-feira como era feriado, paixão de Cristo, não teria compromissos com o estágio e na segunda-feira, dia 13 de abril, chegaria de viagem e seguiria direto para o trabalho.

A pandemia mudou a rota de todo o mundo e também do podcast. Quando a Universidade de Brasília suspendeu as atividades em março de 2020, sem alternativa, desmarquei todos os entrevistados e fiquei sem previsão para retornar com o projeto. Quanto a viagem marcada, procurei a agência de viagem e também a empresa área mas não tive sucesso. Sem atendimento, fiquei às escuras e sem conseguir cancelar a viagem. A falta de atendimento se deu também pela internet.

No começo da pandemia, entre tantos voos cancelados, o voo para Santarém também foi cancelado. Entretanto, por falta de atendimento, apenas soube que o voo não tinha acontecido dias depois da data prevista. Fiquei sem conseguir atendimento para ter o reembolso durante todo o ano de 2020. Depois de muitas tentativas, decidi procurar o Procon após a recomendação de um advogado. Consegui, assim, atendimento da agência de viagem e após uma negociação, vão devolver parte do valor até maio de 2021.

Neste ano, 2021, retomei o contato com pesquisadores e pessoas da região. Já estava com uma nova proposta, tudo seria gravado pelo Zoom e de casa. Tinha decidido criar cinco episódios sobre questões que interferem diretamente na preservação ambiental de Alter do Chão e que ameaçam a comunidade local.

Tive o apoio de dois amigos da Comunicação Social e por meio de reuniões pelo Zoom discutimos a melhor maneira de gravar e apresentar o conteúdo. Buscamos podcasts referências como o *Mamilos*, *O assunto*, *Café da manhã*, *Projeto Piloto*, *Bom dia*, *obvious* e *Foro de Teresina*, todos disponíveis em tocadores digitais. Debates o uso de ferramentas para edição e publicação e também negociamos alguns apoios. Dessa forma, a idealização, produção e roteiro foram feitos por mim; a Thaís Umbelino revisou os roteiros e também os posts do instagram; e o Raphael Steigleder ficou com a edição e depois da idealização do design e criação da identidade visual.

No início, havíamos decidido criar cinco episódios que durariam cerca de 20 a 30 minutos cada. Nesse momento, os assuntos já haviam sido definidos entre eu e a minha orientadora, Célia Matsunaga. Eles foram levantados após conversar com as fontes e também a partir das referências como leitura de reportagens e consumo de podcasts que tratavam sobre questões da Amazônia no período de 2019 até 2020.

Antes das gravações, com o apoio do Raphael Steigleder criamos a primeira trilha para sonoplastia do podcast. A ideia foi trazer para o som referências da floresta e

também o movimento do rio Tapajós. Thaís Umbelino e Raphael Steigleder, até o momento, não visitaram presencialmente Alter do Chão (PA). Com isso, o briefing deles foram as minhas pesquisas deste produto, os meus relatos, as fotos e os vídeos que tenho de 2017 quando estive na região e as que recebia de fontes locais.

Busquei restabelecer o contato com as pessoas da região desde o momento em que decidi retomar o projeto e fazer o podcast à distância. Alguns contatos já tinha desde quando fui em 2017, outros tive o apoio da minha orientadora, Célia Matsunaga, e outros localizei a fim de gravar o podcast. Por meio de conversas com fontes, procurar em redes sociais e na internet, consegui conectar com pessoas e histórias. Nesse momento buscava pistas, um caminho de como narrar o que já tinha absorvido até então.

Os professores Manoel Andrade e Raimunda Monteiro desde o começo entenderam o projeto e estiveram disponíveis para conversar e debater sobre o tema. São pesquisadores, professores universitários, entendem da realidade da região e também de todo o produto que eu estava construindo. Saulo Jennings e Andrea Aymar também estavam dispostos. Apesar do pouco tempo e agenda lotada, reservaram um dia para conversarmos sobre o assunto e depois para gravarmos. São dois defensores de Alter do Chão (PA), já tiveram oportunidade de vivenciar o mundo fora da vila e estão ali por escolha e projeto de vida. Eles também entenderam o projeto e contribuíram com entusiasmo.

O Cacique Domingos Munduruku – Mitu –, conheci quando visitei a Aldeia Bragança em 2017. Um homem simples e de grande sabedoria. Por já nos conhecermos, tinha o contato de telefone. Inclusive, não foi a primeira vez que o procurei. Em 2018 entrevistei o Cacique para uma reportagem para a Revista Campus Repórter (Faculdade de Comunicação). Quando expliquei o projeto por ligação, ele ficou entusiasmado e se comprometeu em levar a possibilidade de participar do podcast para a aldeia. Até aquele momento, o Cacique não conhecia a mídia. Além de explicar como seria, quais os assuntos abordados, expliquei também o que é um podcast. Diferente do que estamos habituados, a vida em comunidade, como levam os indígenas, inclui também decisões conjuntas. A escolha em participar ou não do podcast foi decidido por toda a aldeia.

Cristóvão Borari, foi uma indicação da orientadora Célia Matsunaga. Eu não o conhecia. Quando entrei em contato, antes de qualquer convite, precisei criar uma laço de confiança e demonstrar que meu contato não era uma ameaça. Também precisei explicar o que é um podcast e tratar sobre os assuntos abordados para o

Cristóvão avaliar com a comunidade e depois confirmar a participação.

A escolha de chamar a Jaciara Borari foi por ver nas redes sociais um movimento crescente de mulheres indígenas na liderança. Por acreditar que devemos lutar por um mundo igual para homens e mulheres, desde o começo, não queria este episódio apenas com lideranças masculinas. Lendo reportagens conheci a Associação de mulheres indígenas Suraras do Tapajós. O instagram foi a primeira ferramenta de contato. A associação tem perfis nas redes sociais e, por ali mesmo, encaminhei várias mensagens até que uma foi respondida.

Até então, elas não me conheciam, não sabiam das minhas intenções. E apesar do contato já estabelecido pela rede social, a plataforma não possibilita uma maneira de estreitar os laços. Apesar de ter pedido um telefone de contato, naquele momento não fui atendida. Por meio da página da associação, entrei em contato com o perfil da Luiara Borari, que respondeu, mas por uma questão de hierarquia da associação, optou por não participar da gravação naquele momento e pediu que procurasse a associação, mas não passou nenhum contato.

Conseguimos o contato da Jaciara Borari por meio da ajuda do aluno de Jornalismo da faculdade, Eduardo Meirelles. Ele conversou com uma amiga indígena e, por sorte, ela conhecia as mulheres da associação e, de boa vontade, passou o contato da Jaciara e fez uma ponte entre eu e ela. Jaciara é uma liderança jovem e atenta. Já conhecia a mídia e após estreitarmos o laço e conversamos sobre os assuntos abordados, levou a proposta para associação e aceitou participar.

Tínhamos três lideranças indígenas confirmadas. Mas a agenda e a distância foram grandes desafios. A proposta era gravarmos com os três juntos. Eles se conhecem e a intenção era que interagissem e assim o episódio ficaria mais próximo do que é uma conversa entre amigos. Mas a Jaciara estava participando da gravação de um clipe, os dias estavam restritos. Somado a isso, Alter do Chão (PA) está na época da cheia e a grande quantidade de chuva deixou a região por vários dias seguidos sem energia e internet. Nesse período, em março de 2021, perdi o contato com os três entrevistados.

Ficamos de março até abril sem conseguir contato com as lideranças indígenas. No final de março, uma integrante da aldeia Bragança do Cacique Domingos, Elida Munduruku, conseguiu me avisar, num contato breve, sobre a falta de energia na região. Nesse momento, comecei a pensar como poderia salvar esse episódio, afinal ele era essencial para o podcast. Os Munduruku seriam as vozes das comunidades originárias. Como estava limitado à distância, não tinha outro caminho a não ser, fazer

várias tentativas, em vários dias seguidos. Tentar a sorte da conexão em algum breve momento de energia e abrir mão de gravar com os três em um único momento.

Para falar sobre a importância do Rio Tapajós para o povo daquela região, a proposta inicial era tentar contato com os moradores de alguma comunidade ribeirinha. Tentamos algumas, chegamos a conseguir dois contatos telefônicos, mas infelizmente, um contato estava errado e o outro nunca atendeu às ligações. Em Alter do Chão (PA), é forte a presença de barqueiros, é uma profissão e fonte de renda de muitos. Tentei contato com Edvaldo e Sérgio (pai e filho), barqueiros que conheci em 2017 e também com o padre Edilberto que é atuante na região na defesa do Rio Tapajós. O padre, a professora Célia Matsunaga conheceu durante um voo, de Brasília para Santarém, em 2016. O Sérgio e o Padre foram solícitos desde o princípio, conversamos sobre o que ameaça o Rio Tapajós e marcamos a gravação.

Já no diálogo com todas as pessoas entendi que o tempo também estava no cenário. Para as pessoas da região, que vivem em contato com o rio e a floresta todos os dias, quem dita a hora é a natureza e não o relógio. As conversas, ligações e agendamento das gravações só foi possível após entrar no tempo que a natureza estabelece na vida dessas pessoas.

Os roteiros para gravações foram construídos no mês de março e revisado pela Thais Umbelino. Eles foram escritos a partir das conversas e referências que haviam tido até o momento. Foi nessa etapa que escolhi o nome do podcast.

7.1.1. A escolha do nome

A intenção era ter um nome com boa sonoridade e que remetesse a algo da região. Entre as opções pensadas estavam: *Tapajós de gente*, *Tapajós real*, *Tapapós em chamas*, *Ondas tapajônicas*, *Fala Alter* e *Piracaia*. Também foi pensado o nome *Ocekadi* – palavra Munduruku que significa "nosso rio" e "nosso lugar". Contudo, esses nomes surgiram após termos encaminhado o termo de compromisso com o nome *Piracaia*. Por já termos encaminhado o nome, por não termos certeza da pronúncia correta e por já estarmos com offs gravados, desisti de *Ocekadi*.

A escolha do nome *Piracaia* se deve a boa sonoridade e também por ser um costume da região. *Piracaia* é uma palavra indígena (tupi), que significa o ato de pescar o peixe e assá-lo na praia em uma fogueira improvisada, na folha de bananeira, com farinha e boa cachaça. O costume simples é festivo, geralmente é feito em

comunidade ao som do carimbó, ritmo do Pará. A piracaia é um momento de partilha e união da comunidade.

7.1.2. Gravação

O primeiro calendário de gravação foi feito quando ainda era estagiária da TV Globo, em fevereiro de 2021, conforme quadro abaixo:

09/03	Andrea Aymar e Saulo Jennings
11/03	Prof. Dr. Manoel Andrade
12/03	Prof. Dra. Raimunda Monteiro
15/03	Lideranças indígenas
16/03	Sérgio Edvaldo e padre Edilberto Senna

Entretanto, fui surpreendida pelos meus chefes com um contrato de trabalho, por enquanto, até setembro de 2021. Com isso, minha carga horária aumentou e os meus horários mudaram. Precisei me organizar novamente para gravar o podcast. Nesse momento, os imprevistos começaram a acontecer.

A primeira gravação foi no dia 8 de abril de 2020 com o professor Manoel Andrade. Nos reunimos por Zoom um dia antes da gravação e ali conversamos sobre o tema, sobre os assuntos abordados e a importância de falar sobre a Amazônia e Alter do Chão. Na primeira gravação, extrapolamos o tempo estimado. A conversa durou duas horas.

A partir da primeira gravação a expectativa era de que se sucedessem uma à outra, mas não foi o que aconteceu. Nos deparamos com o quesito tempo de quem mora na floresta e na beira do rio, que tem outro significado do que para nós que estamos nas cidades. Nessas localidades, o tempo segue conforme rege a natureza. Estamos no período da cheia em Alter do Chão (PA) e com a chuva, a conexão com as pessoas não seguiu um cronograma como gostaria. Além disso, me deparei com problemas pessoais de outros entrevistados.

Além disso, em um novo contrato, meu horário de trabalho mudou diversas vezes. Nesse período, passei por diferentes funções e jornais dentro da emissora. Houve dias em que precisei dobrar o expediente e fazer duas cargas horárias e também os finais de semana de plantão. Isso impactava diretamente no horário que

tinha para as gravações. Precisei me organizar a fim de estabelecer um calendário de gravação que se adaptasse a essas questões.

O segundo e o terceiro episódios foram agendados de acordo com a disponibilidade dos entrevistados e a minha agenda que mudava a cada dia. Só foi possível por manter um contato diário e estreito com cada um deles, apenas assim conseguimos todos os dias entender a rotina de cada para fazer encaixar. Já o quarto e o quinto episódios foram gravados no ritmo da natureza de Alter do Chão (PA). E também só foi possível por meio do contato permanente com as pessoas, nos momentos em que eu não estava no trabalho. Diariamente houve tentativas de gravação.

Consegui gravar com todos os participantes, superando os desafios que a localidade de alguns impunha, além da minha agenda – os maiores desafios deste produto. Com todas essas mudanças as gravações aconteceram nas seguintes datas:

08/04	Prof. Dr. Manoel
17/04	Cacique Domingos Munduruku
19/04	Cristóvão Borari
20/04	Sérgio Edvaldo e Padre Edilberto Senna
21/04	Jaciara Borari
23/04	Andrea Aymar e Saulo Jennings

No quarto episódio, os entrevistados eram os indígenas Cristóvão Borari e Cacique Domingos. Tentamos contato durante vários dias seguidos, sem sucesso. No dia 17 de abril de 2021, conversamos com o Cacique Domingos. A aldeia ficou por vários dias sem energia e nesse dia, o sinal estava estabelecido, mas ainda com quedas. A internet estava fraca e descobrimos no momento da gravação que o sinal para telefonemas é inexistente – não tem sinal de operadora na aldeia. A forma de contato que eles possuem é o whatsapp nos momentos em que a rede de internet funciona.

Tentamos uma conexão via Zoom, mas a conexão fraca não viabilizou a chamada. Por não ser possível fazer uma ligação gravada, conversamos por ligação do whatsapp no viva voz e gravei pelo Zoom que estava aberto no meu computador. Entretanto, o fraco sinal de internet do Cacique Domingos prejudicou a qualidade da gravação. E seu timbre de voz baixo, não ficou audível. Voltamos à estaca zero de uma gravação a distância com pessoas que estão em lugares remotos.

No mesmo dia, pedi ao Cacique que me encaminhasse áudios com um recado para os nossos ouvintes do podcast e expliquei que esses recados irão compor o nosso produto. Essa foi a primeira gravação do quarto episódio. E a beleza desse episódio se deu no desafio desse contato. Mesmo de forma precária, foi possível falar com uma liderança indígena que vive no meio da floresta Amazônica.

Seguimos a caminhada com os outros convidados. Cristóvão Borari também enfrentava o dilema de falta de sinal durante as chuvas que eram constantes. No dia 19 de abril, me avisaram que estava com internet. Fiz o contato, mas novamente o sinal fraco impediu a conexão pelo Zoom. A situação era a mesma vivida com o Cacique Domingos. Seguindo a experiência da primeira gravação, fiz o pedido para gravar por áudios no whatsapp recados para o nosso podcast. E assim fizemos, mantendo a esperança de conseguirmos gravar com Jaciara Borari.

Jaciara Borari estava com a agenda lotada devido a gravação de um videoclipe com as mulheres da associação indígenas Suraras do Tapajós, além de ficar sem internet durante os momentos de chuva. Marcamos a gravação diversas vezes, mas a chuva impediu. Gravamos no dia 21 de abril de 2021. Tínhamos marcado para 9h da manhã, choveu durante a manhã e só conseguimos uma conexão estável às 11h. Com a Jaciara Borari consegui gravar pelo Zoom, garantindo assim o episódio de maneira audível.

O quinto episódio também precisamos remarcar em razão da chuva. Ainda assim, no dia em que gravamos chovia em Alter do Chão (PA). No dia 20 de abril de 2021, Sérgio conseguiu se conectar depois de 29 minutos tentando uma conexão que suportasse a chamada de Zoom. Sem internet em casa, ele gravou pelo celular na praça de Alter do Chão (PA). O padre Edilberto estava em casa em Santarém. Também chovia na cidade. Mesmo não estando em um lugar tão remoto, a sua conexão com a internet não conseguiu manter a chamada do Zoom. Desse modo, fizemos a chamada por meio de uma ligação regular. Conseguimos gravar com o padre Edilberto e o Sergio. Com o Sérgio, gravamos pelo Zoom e o padre estava conosco na gravação por meio de uma ligação viva voz. Desta vez, conseguimos uma qualidade melhor na gravação da ligação, mas, ainda assim, com interferências. Não estávamos com as condições ideais para uma gravação. Um entrevistado estava por meio de ligação e o outro numa praça da vila de Alter do Chão, com todos os sons ambientes.

Sem poder contar com o laboratório de áudio da Fac e todos os equipamentos, que num contexto sem pandemia poderia desfrutar, o produto já não teria os áudios

remasterizados e tratados. Com os imprevistos que interferem diretamente na qualidade dos áudios dos entrevistados, improvisei em casa um gabinete para gravação dos offs. No quarto, janelas e portas fechadas, cobertas para tapar uma abertura que liga o quarto e a sala. Assim, dentro do guarda-roupa, junto a todas as peças de vestuário, gravei todos os offs do podcast. Foi uma tentativa de melhorar a qualidade do produto a ser entregue.

7.1.3. Pós-produção

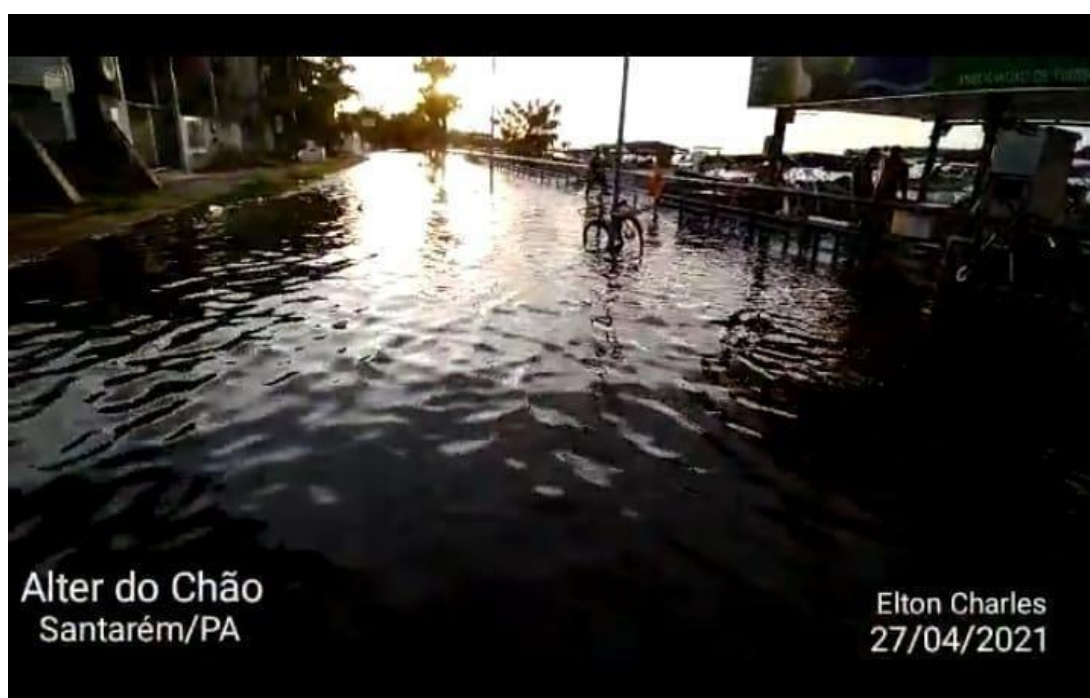
A cada gravação foi feita a decupagem integral de todo material gravado. E seguindo o roteiro produzido anteriormente às entrevistas, montei o guia de edição. Após esse processo, todo o material era colocado em uma pasta do google drive. Assim, Thaís Umbelino e Raphael Steigleder, que me auxiliavam, tinham acesso. Ao todo foram 7 h, 30 min e 52 segundos de material gravado.

7.1.3.1 Identidade Visual

Ao final das gravações, passamos para a construção da identidade visual. A partir de fotos e vídeos encaminhados pelos entrevistados e também com a explicação do que é a Piracaia do Saulo Jennings no segundo episódio, consegui brifar o Raphael Steigleder que montou a miniatura que utilizamos na publicação do podcast e também na página do Instagram.

“Piracaia vem do tupi, que é pira peixe, caia é peixe assado. Então, é comida de peixe. Então é muito mais do um significado de dicionário, é o significado de um povo, ele reproduz a vida, a cultura e a ancestralidade e comida desse povo. É a cultura toda, desse povo a piracaia. É o ato de pescar, pegar o peixe fresco, assar o peixe na praia em varinhas de peixe, de assado, e com cachaça, farinha, violão. Se tornou um lazer do caboclo tapajós, de quem mora em Alter do Chão, de cantar músicas, de contar mentiras que virou lendas, contar os causos, que são a lenda do boto, todas as lendas que temos na região. A piracaia é o envolvimento de tudo que tem na região, em um único momento. (citação de saulo jennings, no dia 23/4)

Figura 1 – Alter do chão (PA)



Prints de vídeo compartilhados pela professora Dra. Raimunda Monteiro.

Figura 2 – Piracaia



Foto de arquivo pessoal, compartilhada por Saulo Jennigns.

Figura 3 – Tapiri: Casa do caboclo amazônico



Foto de arquivo pessoal, compartilhada por Saulo Jennigns.

Figura 4 – Rio Tapajós



Foto de arquivo pessoal, compartilhada por Saulo Jennigs.

Figura 5 – Floresta Nacional do Tapajós



Imagem de arquivo pessoal, compartilhada por Andrea Aymar.

Figura 6 – Floresta Nacional do Tapajós



Foto de Rebeca Hadassa (arquivo pessoal, 2017).

Figura 6 – Floresta Nacional do Tapajós



Foto de Rebeca Hadassa (arquivo pessoal, 2017).

Figura 7 – Rio Tapajós



Foto de Rebeca Hadassa (arquivo pessoal, 2017).

Na primeira criação, percebemos que ainda estava distante do conteúdo do podcast. Partimos para um segundo momento, que consideramos ideal. Ela traz o verde da floresta, o azul com o curso do rio e também a palha em formato amendoado, que simboliza o peixe e os materiais utilizados pelo caboclos amazônicos, como a folha de bananeira para assar o peixe durante a piracaia e a arquitetura do Tapiri, casa do caboclo amazônico.

Figura 9 – primeira criação

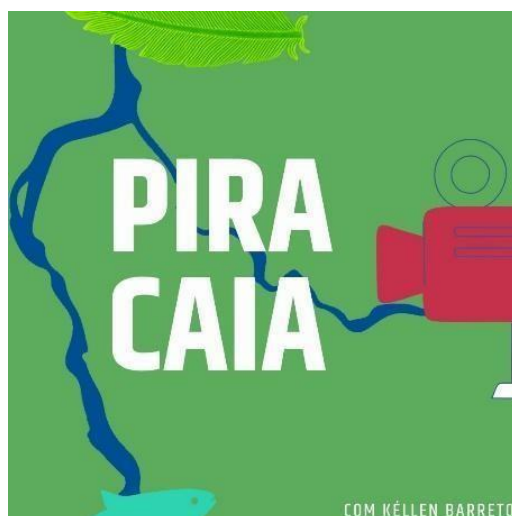


Figura 10 – Segunda criação



7.1.3.2. Edição e publicação

Ao mesmo tempo em que eu finalizava as decupagens e os guias de edição, Raphael Steigleder montava o esqueleto do podcast. O programa usado na edição foi o Ableton Live Edição.

Logo na edição do primeiro episódio identificamos que o produto estava extenso e monótono, e que ajustes na trilha poderiam ser feitos. Partimos para uma nova edição, desta vez melhorando os momentos de trilha para dar mais dinamismo ao produto. Mas os episódios ainda estavam extensos. Tínhamos três episódios com mais de 45 e dois com 36 minutos.

Estabelecemos uma meta de reduzir para 30 minutos cada episódio. Os motivos que levaram a esta escolha foi para não deixar a série repetitiva e cansativa. E somando a isso, as plataformas de áudio limitam as publicações gratuitas de acordo com as horas de conteúdo. A partir de 180 minutos, as publicações são pagas. Assim, remodelei todo o material fazendo cortes necessários para deixar os episódios mais curtos, mais dinâmicos e menos repetitivos.

Pensando da publicação do podcast, realizamos testes em diferentes tocadores. Começamos pelo Spotify, seguido pelo Deezer. A experimentação começou no dia

13/5 e durou até o dia 15/5. Com protocolos lentos, o feed RSS demora para subir o conteúdo. Tinha como segundo plano publicar no youtube, que apesar de não ser um tocador de áudio é uma plataforma versátil.

Começamos a subir os episódios para o YouTube no dia 16/05. O podcast está disponibilizado pelos links:

#001 - <https://youtu.be/7Y3HCLtUfl4>

#002 - <https://youtu.be/kB7Oc7r9NFI>

#003 - <https://youtu.be/xnwHnSGdjzU>

#004 - <https://youtu.be/Hn14XckUT0g>

#005 - <https://youtu.be/yGgVd9IPF64>

No Spotify o podcast o processo teve início no dia 16/05 e foi publicado no dia 17/05. Está disponível pelo link:

<https://open.spotify.com/show/47pXBq4JJOecZAarKqEu46>

7.1.3.2.1. Instagram

Concomitante à subida dos produtos para as plataformas de áudio, criamos a página do podcast no Instagram. Seguindo a mesma identidade nas diferentes plataformas virtuais. Durante as gravações, pedimos para cada entrevistado encaminhar fotos e mídias. Com essas imagens cedidas e a partir dos relatos que gravamos, construímos cada post. A intenção era trazer para a rede social os projetos e as contribuições de cada um, e, assim, colaborarmos na conexão e na construção de diálogo entre os moradores da Amazônia com usuários da plataforma. Assim como os roteiros, cada post foi revisado pelo olhar atencioso de Thais Umbelino.

Página no Instagram: @podcastpiracaia

7.1.3.2.2. Relação de gastos

Ressalta-se que para os gastos iniciais estavam previstos a passagem de Brasília a Santarém, transporte de Santarém a Alter do Chão, hospedagem e transporte pelo rio dentro da Vila de Alter e alimentação. A expectativa era de que no total ficasse em torno de R\$2.000,00. Mas como tudo foi feito à distância e dentro de casa, os gastos se reduziram a zero. A colaboração e ajuda da Thaís Umbelino e do Raphael Steigleder foram fundamentais para realização dos episódios do podcast.

7.2. Futuro do podcast

O podcast, por ficar disponível na internet, permite possíveis mudanças futuras. E uma possibilidade é a criação de um site com domínio próprio. Assim, será possível dar os créditos ao Raphael Steigueder e Thaís Umbelino na produção técnica do podcast. Além de permitir que seja mais um canal de contato com todas as pessoas de Alter do Chão (PA).

Podemos criar um site colaborativo para receber interações de pessoas da região, como por exemplo, vídeos e fotos de Alter do Chão (PA) durante a seca e a cheia. Esse canal também poderá ser alimentado com mais informações sobre a região, como um mapa, e também com os projetos dos entrevistados de maneira mais integral. Um outro caminho possível é dar continuidade com outros assuntos da região. Assim, além da série, seriam adicionados mais episódios à frente. Além disso, o podcast também poderá ser publicado na plataforma digital, Deezer.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O podcast é uma mídia que está com o mercado cada vez mais em ascensão, em evolução e promissor na internet. Ele consegue explorar funções do universo radiofônico e online e nos últimos tempos até os veículos de massa têm adotado a mídia em suas produções. Hoje, o podcast é uma opção para produtores de conteúdo independente e também para grandes veículos que estão utilizando mais esse recurso.

Os brasileiros passaram a consumir cada vez mais o produto radiofônico. A versatilidade, opção em escolher o assunto e o horário para ser consumido, atrai muito os consumidores. Segundo a Associação Brasileira de Podcasters, cerca de 34,6 milhões de brasileiros consomem a mídia.

A proposta do podcast Piracaia, que buscou ser o canal de comunicação entre povos que vivem na floresta e a população em geral que busca se informar e lutar pela preservação ambiental, foi cumprida. O canal foi aberto para que posições de pesquisadores, percepções e experiências de nativos da região chegassem aos ouvintes e interessados. O maior desafio foi ordenar e criar uma narrativa com o volume de informações e também de relatos. Os temas de cada episódio, que interseccionam com a preservação ambiental do local, necessitam ser aprofundados.

O podcast por meio da internet proporcionou uma interação com pessoas de realidades distantes. E a associação com o Instagram cumpriu a característica de rede

social conectada a diferentes plataformas na internet. O produto pode ser considerado transmídia, já que cada episódio também pode ser consumido separadamente sem interferência no entendimento.

Com a veiculação em plataformas como o Instagram pode vivenciar a interação de ouvintes por meio de directs. Foi a oportunidade de ter um receptor ativo que comenta e oferece sugestões para o podcast. São várias as possibilidades de transmitir informação de forma dialógica e representativa.

Registro também aqui a intenção de submeter o podcast ao Expocom, Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação. Além de uma exposição, é um prêmio destinado a trabalhos produzidos por estudantes no campo da Comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADEODATO, S. *Amazônia a floresta assassinada: falta muito pouco para matá-la de vez*. São Paulo: Mostarda, 2006. Amazônia de. Disponível em: <<http://portalamazonia.com.br/amazoniadeaz/interna.php?id=839>> . Acesso em: 2 jun. 2017

ANDRADE, Francisca Marli Rodrigues. Educação Ambiental em miradas integrativas e restaurativas: currículos educativos na Amazônia. *Revista Espaço do Currículo* (Online), v.11, n.3, p. 297-310, 2018b.

_____. Natureza Amazônica e Educação Ambiental: identidades, saberes docentes e representações sociais. *Revista Científica RUNAE*, v. 1, p. 51-70, 2017.

_____. Educação Ambiental e formação docente na Amazônia brasileira: contextos universitários e realidades cotidianas. *Revista Diálogo Educacional*, v. 17, n. 55, p. 1598-1618, 2017.

ANDRADE, Manoel; IADANZA, Enaile. Unidades de conservação no Brasil: Algumas considerações e desafios. *Revista de Extensão e Estudos Rurais*. REVER, Viçosa, v.5,n.1, p. 81-96 jan./jun. 2016

ASSIS, Pablo de; LUIZ, Lúcio. *O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais*. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação Intercom, Caxias do Sul, 2010

_____. *O crescimento do podcast: origem e desenvolvimento de uma mídia da cibercultura*. Universidade Federal do Paraná. 2009

ASSIS, Pablo. *Podcasting como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via internet*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2020.

BARBOSA, Susana. Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração. Paper apresentado no GT 7 - Cibercultura y Tendencias de la Prensa en Internet, do *III Congreso Internacional de Periodismo en la Red*. Foro Web 2.0: Blogs, Wikis, Redes Sociales y e-Participación, Facultad de Periodismo, Universidad Complutense de Madrid, Madrid/Espanha, 23 e 24 de Abril de 2008.

BECKER, B.K. *Geopolítica da Amazônia*. Estudos Avançados. v.19, n. 53, 2005

BRIGGS, Mark. *Jornalismo 2.0: como sobreviver e prosperar*. Um guia de cultura digital na era da informação. Tradução de Carlos Castilho e Sônia Guimarães. [S.l.]: Knight Center for Journalism in the Americas, 2007.

CANAVILHAS, João. *Webnoticia: proposta de modelo periodístico para a WWW*. ed. 1, 1 vol., ISBN: 9789728790912. Covilhã: Livros Labcom, 2007. Disponível em: <<http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/49>>. Acesso em: 21 março 2021.

_____. SATUF, Ivan. Jornalismo em transição: do papel para o tablet... ao final da tarde. In: CANAVILHAS, João; FIDALGO, António. *Comunicação digital: 10 anos de investigação*. Coimbra, Editora MinervaCoimbra, 2013.

_____. *Contextualização de reportagens hipermídias: narrativa e imersão*. SBPJor/ Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. 2015

CANTO, Pe. S. A. *Alter do Chão e Sairé: Contribuição para a História*. Editora e Artesanato Gráfico Tiagão. Santarém/PA, 2004

CASTRO, Maria. *Mobilização do trabalho na Amazônia*. O oeste do Pará fica entre Grilos, Latifúndios, Cobiças e Tensões. Universidade de São Paulo, 2008

CAVALCANTI, Maria e NETO, Manoel. *O uso das redes sociais no Jornalismo Colaborativo*, 2014

CESAIRÉ, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. 1. ed. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

CRUZ, V. C. O Rio Como Espaço de Referência Identitária: reflexões sobre a identidade ribeirinha na Amazônia. In: TRINDADE JÚNIOR, S. C. (Org.) TAVARES, Maria Goretti da Costa (Org.). *Cidades ribeirinhas na Amazônia: mudanças e permanências*. 1. Ed. Belém: EDUFPA, 2008. P 49-69.

DUTRA, Manuel. *A Amazônia na TV: Produção de sentido e o discurso da ecologia*. Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001.

FRANCO, D. Podcast. In: SPYER, J. (Org). Para entender a internet: noções, práticas e desafios da comunicação em rede. São Paulo, Ebook, 2009

FEARNSIDE, P.M. Desmatamento na Amazônia Brasileira: História, índices e consequências. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). vol.1. Nº 1. jul.2005.

FONSECA, Wilde Dias da. *Santarém: Momentos Históricos*. 4ª Edição. Santarém, Pa: Gráfica e Editora Tiagão, 1996.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNIOR, Pereria. *Jornalismo e Representações Sociais: perspectivas teóricas e metodológicas*, 2005

KISCHINHEVSKY, Marcelo.; HERSCHMANN, Micael. A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 16, 2007. Curitiba. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806/> em 29. mar. 2020.

LEMOS, André. CIBERCULTURA. Alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Sulina, Porto Alegre, 2003; p. 11-23

_____. Mídia locativa e territórios informacionais. In: SANTAELLA, L. E L. e ARANTES, P. (orgs). *Estéticas Tecnológicas: novos modos de sentir*. São Paulo, EDUC: 2008

_____. Cidade e Mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. In: *Matrizes*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. USP, ano 1, n.1, São Paulo, 2007, p.121-137. Disponível em: <<https://facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/Media1AndreLemos.pdf>>. Acesso em 25 de abril de 2021

LOUREIRO, Violeta. Amazônia: uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir. *Estudos Avançados*, v. 16, n. 45, p. 107-121, 2002.

LOUREIRO, João. Encantaria da linguagem. *Cronos*, Natal, v.3 n.1. p.147-150, 2002.

LOPES, Syglea. Povos e Comunidades, Direitos humanos e meio ambiente. *Lex Humana*, Petrópolis, v5, n1, p. 160 – 182, 2013.

MADURO, Rosshin e CRUZ, Jocilene. *Da invisibilidade indígena à luta pelo território: o processo de afirmação da identidade étnica dos Borari de Alter do Chão*, 2019

OLIVA, Fernando. *Rádios.Internet.br: o rádio que caiu na rede*, 1997

OSÓRIO, Raissa. *A produção de soja no Oeste do Pará: A tomada de decisão do*

produtor rural e as características da Atividade Produtiva em meio à Floresta Amazônica. Universidade de Brasília, 2018

PALACIOS, Marcos. Jornalismo Online, informação e memória: apontamentos para debate. *Revista PJ: Br Jornalismo Brasileiro*, São Paulo, n. 4, 2004. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos4_f.htm>. Acesso em: 27 fev. 2012.

PAVLIK, John. *El periodismo y los nuevos medios de comunicación*. Paidós: Barcelona, 2005.

PRIMO, A.F.T. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. In: *Intexto*. Porto Alegre, n. 13, 2005

PULGA, Diana. *Podcasting e Jornalismo: Uma Análise do programa mamilos*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

RENTE, Andréa Simone. *Áreas de proteção ambiental como inspiração para o desenvolvimento sustentável com liberdade: o caso da criação da APA – Alter do Chão – PA*. Instituto de ciências Humanas e sociais, 2006

RIBEIRO, Gustavo. *Informação jornalística na Rádio: Análise de conteúdo comparativa entre o radiojornal jornal bandnews e o podcast café da manhã*. Universidade Federal de Uberlândia, 2019

RODRIGUES, Denise. *A Revolução Cabana e a construção da identidade Amazônica*. Editora da Universidade do Estado do Pará, 2019.

SAMPAIO, Amanda. COSTA, Carolina, MONTEIRO, Everson. *Convergências midiáticas do cibermeio Brainstorm: Uma análise das interfaces teóricas, youtube, podcast e digital móvel*, 2015

SANTOS, Ana Célia; SALDANHA, Ana Paula. O Fluxo Comunicacional e o Agendamento Na Era Da Mídia Digital: Redefinição de Paradigmas. In: *Revista Iniciacom*. vol. 2, n. 2, 2010. Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

SANTOS, J. E.; SANTOS, V. L. Cografia dos protestos e meio comunicacional: redes sociais digitais e manifestações populares. In: *Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais*, Recife, v. 02, n. 02, p. 20, 2013

SANTOS, Kátia Maciel dos, SILVA, Sandra Maria Sousa da; PASTANA, José Maria do Nascimento. *Diagnóstico do Potencial Turístico de Alter do Chão*. Santarém (PA). CPRM, PMS, 1999.

SANTOS, Roberto Araújo de Oliveira. *História Econômica da Amazônia (1800-1920)*. São Paulo. T.A. Queiroz, 1980.

SANTOS, Sílvio e PEIXINHO, Ana. *A redescoberta do storytelling: o sucesso dos podcast não ficcionais como reflexo da viragem*. Universidade de Coimbra

SAYAGO, D.; TOURRAND, JF.; BURSZTYN, M. Introdução - um olhar sobre a Amazônia: das cenas aos cenários. In: SAYAGO, D.; TOURRAND, J. F.; BURSZTYN, M. (Eds.). *Amazônia: cenas e cenários*. Brasília: Ed. UnB, 2004. p. 17–28.

SILVA, Gilmar R. (Org.). *Novos jornalistas: para entender o jornalismo hoje*. [S.l.:s.n.], 2010.

SILVA, Sandra. *Turismo, sustentabilidade e capital social em uma vila amazônica: o caso de Alter do Chão*. Universidade Federal do Oeste Pará. 2018

SOUZA, Leonardo. *Os vínculos sonoros no ambiente comunicacional do podcast mamilos*. Faculdade Cásper Líbero, 2019

SOUZA, Marcus. *Amazônia Indígena*. Editora Record, 2005

SOUZA, Mariana. *Jornalismo de soluções: um caminho possível*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

VALENTE, Pedro Gonzaga. *Aplicações Híbridas para a criação de conteúdo jornalístico na internet*. Universidade Federal de Santa Catarina, 2007

VANASSI, G.C. *Podcasting como processo midiático interativo*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2007. Disponível em < <http://bit.ly/1n8lkgH> > Acesso em 14. mar. 2020.

VIEIRA, Ima; JARDIM, Márcio; ROCHA, Esdon. *Amazônia em tempo*. Estudos climáticos e socioambientais. Programa de pós-graduação em ciências ambientais, UFPA, 2015

